A POESIA BARROCA NOS MANUAIS E ANTOLOGIAS ESCOLARES: DESCENTRAR O CÂNONE?

BAROQUE POETRY IN SCHOLARLY MANUALS AND ANTHOLOGIES:
AN ATTEMPT TO DECENTRALIZE THE CANON?

Marta Marecos Duarte

CLP – Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

Desde que foi posto em prática o projeto de democratização do ensino, no período de emergência do Liberalismo, com as reformas da instrução primária, secundária e superior de 1836, durante aproximadamente um século verificamos ser incipiente a presença da poesia do Barroco nas seletas que servem de apoio ao estudo do Português. Um olhar sobre as antologias publicadas na 2.^a metade do século XIX e 1.^a do século XX¹ permitiu-nos constatar que merecem aí destaque os autores que se celebrizaram pelos seus contributos na prosa e na oratória: Padre António Vieira, Padre Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo, Francisco Rodrigues Lobo. Com efeito, na prosa se colhem modelos de eloquência e de moralidade cuja relevância se

1 Além das obras referidas na nota 2, passámos em revista os seguintes volumes: *Selecta portuguesa (1.^a, 2.^a e 3.^a classe dos Lyceus)*, por Augusto Casanova Pinto Gomes Pereira (1907, Porto: Typographia Occidental); *Selecta literária – aprovada oficialmente para os 4.^o, 5.^o e 6.^o anos dos liceus*, por José Pereira Tavares (1944, 2.^a ed., Lisboa, Sá da Costa); *Selecta portuguesa – explicada para a 4.^a, 5.^a e 6.^a Classe dos Liceus*, por Abel Guerra, S.J. (1960, 6.^a ed., Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa).

justifica no âmbito de um paradigma de ensino que tem como objetivo formar para o desempenho de cargos públicos.

No decurso da reforma do ensino liceal de 22 de Outubro de 1948, são visíveis mudanças no que diz respeito à abordagem da literatura seiscentista no domínio escolar. De acordo com uma perspetiva periodológica, que segue as coordenadas da História Literária romântica e positivista, este programa curricular pretendia dar atenção à Época Clássica da Literatura Portuguesa segundo um esquema tripartido ainda hoje corrente (séculos XVI, XVII e XVIII). Prevendo, para o 7.º ano do liceu, “Leituras demonstrativas, na poesia lírica, mística e satírica e na prosa”, torna-se inegável uma abertura do cânone escolar ao panorama literário seiscentista na sua abrangência (*Programas do ensino liceal*, 1962: 12). A posterior publicação de *Selecta de Textos da Época Gongórica e Arcádica* (1965), de José Augusto Bettencourt Coelho, e de *Textos Literários – Séculos XVII e XVIII* (1.ª edição: 1967), de Maria Ema Tarracha Ferreira, ilustra-o bem. O presente estudo centra-se, pois, na análise da seleção de textos, no âmbito da poesia, levada a cabo por esta autora.

Com várias reedições até ao início da década de 80, momento que antecede a reforma prevista pela Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), a obra assinada por Tarracha Ferreira oferece uma compilação de textos do Barroco enquadrados sob o pórtico “Século XVII – Escola Seiscentista ou Gongórica”. O âmbito cronológico: “De 1580 (morte de Camões e início da Dinastia Filipina) a 1746 (publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*)”. Quanto aos textos concernentes ao “Século XVIII – Escola Francesa ou Arcádica”, também aqui compreendidos, são apresentadas as seguintes balizas temporais: “De 1746 (publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*) a 1825 (publicação do poema *Camões*)”.

A consideração do lugar ocupado pela poesia nesta coletânea não nos fará perder de vista a prosa, como contraponto. Da mesma

maneira, e dada a nossa intenção de compreender a permeabilidade do cânone escolar à evolução das perspectivas da história e da crítica literárias, não poremos de parte uma abordagem sumária da presença da poesia barroca em currículos mais recentes do Ensino Secundário. Em última instância, este estudo levar-nos-á a refletir sobre uma conceção definidora do cânone da literatura portuguesa, em sentido amplo, que se projeta nas antologias escolares.

1. A MARGINALIDADE DA POESIA BARROCA NO CÂNONE ESCOLAR: PERSPETIVAS DE RESGATE

Durante cerca de duzentos anos, a poesia do Barroco foi tida como imagem de corrupção da língua portuguesa. Os comentários ao estilo da *Fénix Renascida* feitos por Garrett no “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa” (1826) são alusivos do movimento de rejeição da literatura de influência gongórica, que teve, formalmente, início em meados do século XVIII, com a publicação do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746) e a fundação da Arcádia Lusitana (1756). A título de demonstração, atente-se nas palavras que Garrett dedica ao exame da *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (1636), de Gabriel Pereira de Castro:

Grande é a concepção [...]; mas o stylo ... o stylo é, prototypo da *Phenix-renascida*, o requinte do gongorismo [...], intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por mau exemplo) n’um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e van grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande eschola de Camões e Ferreira (Garrett, 1826: xxxii).

Herdeira da visão da crítica neoclássica, a posição de Garrett denota reverência pelo projeto arcádico de recuperação do bom gosto na poesia portuguesa, no âmbito do qual foi estabelecido um cânone

de autores, antigos e contemporâneos, considerados dignos de imitação. Sob o lema *inutilia trunquat* (“corta o inútil”), a Arcádia Lusitana pretendia eliminar o uso do ornato despido de conteúdo, disseminado na literatura académica do Barroco tardio. Preconizava, pelo contrário, o ideal de simplicidade assinalado à poesia quinhentista.

Com a instituição da história literária, dá-se “o triunfo definitivo do ‘espírito nacional’ (romântico) sobre o absolutismo e sobre o domínio clássico (francês)”. O percurso histórico e o valor de cada literatura passam, portanto, a ser aferidos em função da fidelidade a esse “espírito romântico-nacional” (Cunha, 2002/2005: 2).

Pelas suas características marcadamente estetizantes, sendo difícil torná-la objeto de uma leitura ideológica, concorde com a afirmação do critério “nacional”, se explica em parte a fraca presença da lírica barroca no cânone escolar delineado a partir de meados de Oitocentos. Essa secundarização acentua-se à medida que o ensino se vai simplificando no sentido de uma maior conformação com a política do autoritarismo nacionalista (cf. *ibidem*: 11). Antes disso, e apesar da propaganda anti-gongórica, em seletas da segunda metade do século XIX dedicadas exclusivamente à poesia encontra-se um número considerável de composições da autoria de poetas dos séculos XVII e XVIII.

Na antologia organizada por Joaquim Lopes Carreira de Mello (1862), surgem dispersos poemas de Duarte Ribeiro de Macedo, Soror Violante do Céu, Alexandre de Gusmão, Francisco de Pina e Melo, António Barbosa Bacelar, Manuel Veiga Tagarro e Jerónimo Baía. Já numa das obras escolares mandadas adotar pelo Conselho de Instrução Pública em 1885, 86 e 87, da autoria de Caldas Aulete, deparamos com um pequeno capítulo intitulado “Estylo conceitista e cultista”. Furtando-se, tanto quanto possível, aos exageros do formalismo barroco, as composições aí reunidas veiculam uma visão didático-moral sobre a função da literatura, notando-se especial inci-

dência de títulos alusivos a temas religiosos e históricos. A presença de um poema de Tomás de Noronha, apodado pelo autor da seleta de “Composição de trocadilhos”, é expressiva do intuito pedagógico no âmbito do ensino da versificação².

A abertura do cânone escolar à poesia barroca que ocorre após a reforma do ensino liceal de 1948, de que a antologia de Tarracha Ferreira se faz eco, traduz uma mudança de paradigma que espelha diretamente a evolução das tendências estéticas ao longo da primeira metade do século XX. No domínio dos estudos literários, este franquear do cânone explica-se por um maior fôlego de problematização sobre a História Literária, a que Portugal não foi estranho, e a que não é alheia a publicação de obras importantes no campo da Teoria da Literatura. Para este descentramento do cânone foram igualmente decisivos os contributos dos movimentos modernista e vanguardista. Reordenando-se “a memória do sistema literário” em conformidade com as suas poéticas, “os autores marginais, periféricos, malditos, herméticos, [...] que no passado tinham sido ‘modernos’ e ‘vanguardistas’, passaram a ocupar o centro do sistema e a irradiar uma nova energia criativa como inéditos focos de dinâmicas intertextuais” (Silva, 2010a: 245).

2. A ANTOLOGIA *TEXTOS LITERÁRIOS – SÉCULOS XVII E XVIII*

2.1. ABORDAGEM GERAL: UM ESPELHO DE TENDÊNCIAS CRÍTICAS

A seleção de poemas apresentada por Maria Ema Tarracha Ferreira em *Textos Literários – Séculos XVII e XVIII* tem como fontes os cancioneiros *Fénix Renascida* (1716-28) e *Postilhão de Apolo* (1761-62), que coligem composições de autores do século XVII. Os textos crí-

² Reportamo-nos, no presente parágrafo, a *Lições portuguesas de litteratura e de moral ou Selecta portugueza, Tomo II (verso)* (1862), e *Selecta nacional – Curso pratico de litteratura portugueza, 3.ª parte: Poesia* (1905, 4.ª ed.).

ticos citados pela autora, com a finalidade de ilustrar as tendências estéticas em causa, constituem *de per si* uma antologia indicadora das perspectivas correntes em Portugal nas décadas de 30 a 50 do século XX. Em destaque surgem os ensaios de Hernâni Cidade, António Sérgio e Maria de Lourdes Belchior Pontes sobre a literatura e a cultura barrocas. Perfazendo um ponto de viragem nos estudos sobre este período literário, note-se que, à data de elaboração da antologia, as obras de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura* (1967) e *Maneirismo e Barroco na Poesia Portuguesa* (1971), não tinham ainda visto o prelo.

De um modo geral, da leitura do conjunto de excertos de textos críticos fica-nos a impressão de que o século XVII é um tempo de contrastes. Em primeiro lugar, porque é entendido, simultaneamente, como momento de continuação e de reação ao classicismo quinhentista. Assim, o Ponto I da antologia poética, em uníssono com o programa decorrente da reforma de 48, intitula-se “A deformação do ideal clássico no sentido do cultismo e do conceptismo: o barroco e a sua interpretação” (Ferreira, 1973: 17). Em segundo lugar, porque se estabelece uma viva oposição entre a prosa didática, moral e religiosa (continuadora da tradição quinhentista) e a poesia dos referidos cancioneiros. Aquela, desde logo, pelo seu conteúdo moral e histórico, pela atenção dada aos cenários social e nacional, e por se definir por um elogiado equilíbrio no domínio da dicção. Simplicidade de que a lírica está longe de ser exemplo.

A chamada poesia cultista e concetista, pese embora o destaque que lhe é dado nesta antologia (41 páginas em 508 dedicadas à literatura de Seiscentos), surge revestida dos atributos que a configuram como rebusca e de artifícios retóricos cuja finalidade é surpreender. A citação de António Sérgio, proveniente de *Ensaio V* (1955), espelha bem esta ideia: “O barroco é o contrapolo da maneira clássica [...]; o que o barroco visa, pelo contrário, – é a explosão do espanto;

é o dom de surpreender e de aturdir o espírito à força de ornamentar e de rebuscar” (*ibidem*: 7).

A antítese entre a poesia e a prosa barrocas, em que se concretiza a oposição entre as finalidades do *delectare* e do *docere*, assinaladas ao literário no contexto da poética clássica, denota, em última instância, uma hierarquização no sentido de dar primazia à segunda, como indicam as palavras no excerto citado de Vitorino Nemésio, em *Poesias várias de Bocage* (1943): “A grandeza literária do nosso século XVII está na prosa: é a personalidade e a experiência humana de Vieira, a subtileza e o estilo de Bernardes e dos prosadores agora voltados para a biografia e a apologética, e daí para as notações da vida corrente e dos prodígios religiosos” (*ibidem*: 15).

Estabelece-se pois um contraste entre a sobriedade das obras de teor moral e didático e a exuberância vã dos ornamentos que grassam na poesia. Por exemplo, nos excertos que introduzem o estudo de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, salienta-se o valor da obra pelo tom patriótico que permeia a defesa da língua portuguesa aí realizada (cf. Saraiva e Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1965, *apud ibidem*: 115). Em *Apólogos Dialogais*, de Francisco Manuel de Melo, destaca-se a dimensão moral inerente ao retrato social presente na sátira de costumes (cf. Fidelino de Figueiredo, *História da Litteratura Clássica*, 1922, *apud ibidem*: 207). “Dois clássicos portugueses [que] podem disputar a primazia da limpidez e correcção de linguagem”, Frei Luís de Sousa e Padre Manuel Bernardes são louvados pelo carácter contemplativo e enorme talento de prosadores. O primeiro reporta-se ademais como marco do relato histórico, que soube afastar-se das “tentações retóricas” da “moda gongórica” (Agostinho da Silva, Prefácio de Frei Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, 1937, *apud ibidem*: 454 e 455-456). No domínio da história apologética e providencialista, à *Crónica de Cister* e à *Monarquia Lusitana* são também apontadas grandes virtudes no plano da edificação política.

A prosa apresenta-se assim como campo propício à configuração de uma dupla visão ideológica: por um lado, projeta um ideal, de fundo iluminista, de morigeração da eloquência e dos costumes, por outro, apresenta-se como veiculadora do nacionalismo político.

Já nas páginas que precedem a seleção de textos poéticos, é visível uma progressiva aproximação ao comentário de tópicos da poética barroca. Assim, antecede o cancionero propriamente dito uma súpula de excertos críticos versando sobre “O Cultismo e o Conceptismo nas colectâneas barrocas”. Entre as notas habituais aos abusos e requintes destas tendências, neste conjunto ressaltam considerações que remetem para uma vertente de singularidade da poética do Barroco no campo da linguagem: a capacidade de plurissignificação, a expressão do indizível e a dimensão de dificuldade associada à compreensão do sentido do poema, “só para iniciados” (A. Correia de A. E. Oliveira, Prefácio a Francisco Manuel de Melo, *As segundas três musas*, 1945, *apud ibidem*: 21).

As seguintes citações dão conta de uma atenção sobre essas características, que constituem um dos aspetos do Barroco mais valorizados pelas Vanguardas europeias:

o poeta seiscentista sobrecarrega o verso de elementos pictóricos e musicais, por vezes para suprir a escassez temática, ou com intuito meramente decorativo; mas, quando se trata de um autêntico valor, normalmente como meio de expressão de uma realidade interior que, ou impõe esse requinte, ou não é traduzível por meios puramente lógicos (*idem*, *apud ibidem*: 17-18).

Jogo, como jamais o fora tanto, a poesia da *Fénix*. Jogo que tudo transporta para plano muito distante da vida, que através dele mal se adivinha. [...] A palavra, numa mesma frase, pode ser empregada em mais de

um dos seus sentidos [...] (Hernâni Cidade, *O conceito de Poesia como Expressão da Cultura*, 1957, *apud ibidem*: 20).

Sem dúvida emerge nestes fragmentos uma valorização das idiossincrasias da linguagem poética do Barroco. Porém, atentando nos comentários interpretativos aos poemas reunidos, sublinham-se elementos depreciadores do estilo, facto que imprime um carácter de menoridade à poesia em apreço.

2.2. ANTOLOGIA DE POEMAS: LINHAS DE LEITURA

A antologia de poemas estrutura-se em três pontos (“Poesia cultista”, “Poesia conceptista” e “Sátira à Poesia cultista e conceptista”)³. Nos comentários em nota de rodapé é possível entrever algumas linhas de leitura sugestivas do lugar ocupado pela poesia barroca no cânone da literatura portuguesa. Atenda-se pois ao modo como os seguintes tópicos são desenvolvidos pela autora.

a) *Esvaziamento do ideal clássico e distância*

A noção de esvaziamento do ideal clássico surge ligada à sugestão de uma ausência de expressão da intimidade mais recôndita do poeta. Em conformidade com as perspetivas delineadas nos textos críticos selecionados, a autora alude ao que Cidade designava como um “plano muito distante da vida” (*vide supra*), ou seja, a não evidência de uma vivência sentida dos temas abordados.

Sobre o soneto “Se apartada do corpo a doce vida”, composição anónima de tema amoroso que assenta no jogo de plurissignificações

3 Ao longo destes pontos, distribuem-se poemas de Jerónimo Baía, Francisco de Vasconcelos, Violante do Céu, António Barbosa Bacelar, Francisco Manuel de Melo, Tomás de Noronha e Diogo Camacho, além de várias composições anónimas.

entre morte e vida, refere: “este soneto documenta a concepção do amor petrarquista, esvaziada de conteúdo e reduzida a *jogos de palavras*, sem que exprimam a contradição íntima de qualquer atitude paradoxal” (Ferreira, 1973: 22).

No intuito de caracterizar vários sonetos de Francisco de Vasconcelos versando sobre os temas da morte e da fragilidade humana, a autora cita novamente Cidade: “a angústia perante a morte comunica-se-nos menos do que nos impressiona o brilho das imagens e o artificioso arranjo da construção” (*ibidem*: 34).

Já na leitura de um soneto de Baía em torno do Sacramento da Eucaristia (“Ao Minino Deos em metáfora doce”), faz corresponder à ideia de uma quase total incomunicabilidade do verso o prevalecimento do plano lúdico da poesia. Por seu turno, assinala-se como subjacente a esta preponderância um suposto desinteresse por temas cujo decoro tem implícita uma noção de gravidade (*ibidem*: 24)⁴.

Assim, nota-se quer a ausência da “gravidade da preocupação social” e da “comoção religiosa”, quer uma carência de “efusões da emoção pessoal” (Cidade, *op. cit.*, *apud ibidem*: 16).

Estes comentários dão conta de uma definição global desta poesia enquanto transformação, no sentido de deformação, do classicismo de Quinhentos, rumo a um paradigma estético assente na ludicidade.

4 Entre as composições de Baía, o autor mais representado nesta e noutras antologias, contam-se alguns poemas ilustrativos da poesia barroca de circunstância, florescente nas academias literárias dos séculos XVII e XVIII. Uma das suas características consiste na atenção sobre inusitados detalhes da realidade, tal como aspetos do corpo feminino: “A um pé pequeno”, “A uma trança de cabelos negros”. Com efeito, ambas as composições figuram em manuais que sucedem a reforma educativa de 1989 (cf. Guerra, 1998: 5-6), e em certa medida configuram uma conhecida visão sobre o lirismo barroco.

b) *O espectro de Camões*

A influência do lirismo camoniano é uma constante na poesia do Barroco. Aproveitando a deixa sobre a lírica quinhentista que nos fica da alínea anterior, gostaríamos de fazer notar a tendência de comentar os poemas antologiadados à luz de conhecidas composições do autor d’*Os Lusíadas*. Como se pode verificar, o espectro de Camões agiganta-se perante os meros jogos de trocadilhos que caracterizam a poesia da *Fénix* e do *Postilhão*.

Os poemas de Barbosa Bacelar, por exemplo, não merecem a Ferreira mais do que um singelo comentário: “Glosou de várias maneiras os sonetos de Camões *Alma minha gentil* e *Sete anos de pastor* e o soneto atribuído a Rodrigues Lobo, *Fermoso Tejo meu, quão diferente*” (*ibidem*: 45).

Repare-se também na referência ao soneto anónimo “Definição do Amor”, que glosa o poema “Amor é um fogo que arde sem se ver”: “Note-se o artificialismo e a falta de harmonia que caracterizam este soneto, em contraste com o original camoniano” (*ibidem*: 50-51).

Outros tantos sonetos são abordados com base no estabelecimento deste paralelismo. Poder-se-á afirmar que o relevo dado ao magistério camoniano, a propósito do legado presente na poesia da *Fénix*, constitui um ponto de valorização da mesma? A ambiguidade, neste âmbito como noutros, é manifesta. Há traços de um certo enaltecimento, devido a essa influência. Porém, simultaneamente, a referência a Camões retira protagonismo ao exame dos poemas.

Podemos por isso dizer que os comentários de Maria Ema Tarracha Ferreira subscrevem a ideia de um reforço do cânone que caminha de par com uma secundarização da estética do Barroco e das suas especificidades. Desta maneira assinala-se um ato de menorização, resultante não só de comentários depreciativos ao formalismo vazio como de comentários que traduzem apreço por autores ditos maiores.

c) *O centro do cânone poético barroco: Francisco Rodrigues Lobo e Francisco Manuel de Melo no limiar entre Camões e Góngora*

Não abrangida por Aguiar e Silva no âmbito cronológico do Barroco literário português (1620-1750)⁵, a globalidade da obra do autor do romance *A Primavera* consta da antologia. É sintomático da sua relevância para o cânone o facto de constar do Ponto II da mesma: “O valor estético e os resultados positivos do estilo afectado”. Sob a alçada de uma valorização do “estilo afetado” surgem, na sequência, os autores maiores do século XVII, que tivemos ocasião de nomear na Introdução.

Na ótica que subjaz à elaboração da antologia, Rodrigues Lobo é um autor que se situa no limiar entre o classicismo de influência camoniana e o aflorar das primeiras manifestações do estilo corrupto. Como precursor e teorizador do Barroco, a sua integração na seleção não parece ser discutível. No âmbito da lírica, especialmente as élogas e as composições insertas no romance pastoril, procede-se ao entroncar da sua obra na tradição dos “Temas e formas de inspiração nacional” do Renascimento, sendo “o único émulo de Camões neste género [da redondilha]” (Saraiva e Lopes, *op. cit.*, *apud* Ferreira, 1973: 67), na “feira primitiva do Bernardim Ribeiro, do Cristóvão Falcão e das primeiras élogas de Sá de Miranda” (Ricardo Jorge, *Francisco Rodrigues Lobo, Estudo biográfico e crítico*, 1920, *apud ibidem*). Esta ascendência contribuirá para que se lhe desculpem, até certo ponto, os rebentos de influência gongórica: “Fiel ao magistério de Camões e à sua inspiração, adivinham-se, porém, no seu verso, sinais inequívocos de nascente gongorismo” (Belchior Pontes, “Francisco Rodrigues Lobo”, *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, 1957, *apud ibidem*: 66).

5 Cf. Silva, 2010b: 277.

De acordo com a já mencionada noção de que a literatura deve instruir e ensinar virtudes, o foco da análise recai sobretudo no plano moral e didático dos textos de Lobo. Por exemplo, em nota ao “Discurso sobre a vida e estilo dos pastores”, refere-se que “Fica [...] declarada a instrução moral das eglogas, através da rusticidade” (Ricardo Jorge, *op. cit.*, *apud ibidem*: 72).

Nas apreciações à poesia de Francisco Manuel de Melo, destaca-se o persistir de uma abordagem valorizadora do elemento quinhentista. Sob o *incipit* “Temática quinhentista e humorismo autobiográfico”, refere-se a perícia que teve Melo ao evitar os “excessos que tornaram célebres alguns autores da *Fénix Renascida*” (Saraiva e Lopes, *op. cit.*, *apud ibidem*: 301). Sublinha-se igualmente o facto de ter estabelecido uma convergência com os temas de reflexão mais significativos no âmbito do pensamento barroco (a inconstância da fortuna, a brevidade da vida...), com a ressalva, em tudo oposta às considerações sobre os poetas dos cancioneiros, de que são “Temas comuns, exaustivamente tratados, mas harmónicos com a realidade íntima do poeta” (A. Correia de A. E. Oliveira, *op. cit.*, *apud ibidem*). Tal como em Lobo, elogia-se-lhe o mérito de levar o leitor a extrair “lição proveitosa” das suas églogas (Gonçalves Viana, *Trechos escolhidos de Francisco Manuel de Melo*, 1940, *apud ibidem*: 302).

3. DE TEXTOS LITERÁRIOS – SÉCULOS XVII-XVIII PARA OS MANUAIS ENTRE 1990 E 2010: BREVE PANORAMA

A disciplina de Português A, estabelecida no âmbito da reforma curricular implementada pelo Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de agosto, em vigor entre 1989 e 2001, contempla entre os seus objetivos o seguinte parâmetro: “Integrar os textos e autores estudados no respectivo lugar da história cultural e literária portuguesa” (Guerra e Vieira, 1998: 3). Por conseguinte, o programa prevê uma manuten-

ção da estruturação do estudo da literatura portuguesa segundo a periodização instituída pela História Literária.

De modo sintético, gostaríamos de chamar a atenção para o manual *Dimensão Literária* do 11.º ano, preparado por Vasco Moreira e Hilário Pimenta, com data de 1998. No separador intitulado “O Barroco e a literatura seiscentista”, além da compilação de cerca de 17 poemas, entre os quais figuram um soneto de Góngora e dois de Gregório de Matos, merece referência o detalhe conferido à abordagem do contexto histórico-literário. São cerca de três páginas com informação sobre o Barroco nas artes e nas letras, europeias e portuguesas, a que se acrescentam excertos de textos críticos versando sobre questões como a distinção entre cultismo e concetismo, entre Clássico e Barroco. Figura igualmente no manual uma extensa tábua cronológica documentada com factos históricos e publicações, iluminando não só o contexto português como também o domínio além-fronteiras. Os excertos de Sérgio e de Cidade, amplamente citados por Tarracha Ferreira, surgem dispersos entre os poemas, como paralelo do questionamento dirigido ao aluno.

A redução é óbvia em todos os âmbitos. Porém, nas páginas dedicadas à contextualização estética do período sobressai uma perspetiva que integra os contributos de Aguiar e Silva a que fizemos referência, incluídos já na bibliografia de referência apresentada. A citação de Diaz-Plaja (*La Literatura Universal*, 1968), colocada em *incipit*, é, pois, expressiva de um entendimento mais na ordem de uma aceitação de âmbito vanguardista do código do Barroco. Atente-se na mesma: o Barroco “possui uma espécie de engenharia superior da linguagem, uma espécie de álgebra para iniciados que a etapa anterior do conhecimento dos clássicos – o Renascimento – não sabia ou não podia gozar” (*apud* Moreira, 1998: 32).

Do manual *Dimensão Literária* passamos para o manual *Aula Viva* (10.º ano) de Literatura Portuguesa (designação que sucede a de Por-

tuuguês A), de 2010. Surpreende-nos aqui a escassez de poemas coligidos e, acima de tudo, uma apresentação muito sumária do estilo, numa quase ausência de citação de textos críticos. No final da antologia, que sucede a reorganização curricular levada a efeito a partir dos primeiros anos do presente século, e antecede a publicação do mais recente programa de Português (Janeiro de 2014), verifica-se uma modesta elucidação das tendências estéticas do Barroco. Tendo como base o contexto histórico dos séculos XVI-XVII, e a leitura do mesmo que começa a delinear-se com a crítica neoclássica, e que conhece um desfecho marcadamente ideológico na historiografia literária oitocentista, verifica-se neste caso um retorno ao eixo narrativo “origens-progresso-decadência-regeneração” preconizado nesse domínio (Cunha, 2002: 292): “Neste contexto de crise de valores, nasceu uma literatura de evasão, tendencialmente pessimista, exageradamente formalista ou conceptualista” (Guerra e Vieira, 2010: 290).

CONCLUSÃO: O CÂNONE NÃO VARIA?

A análise da antologia *Textos Literários – Séculos XVII-XVIII*, que serviu de base à estruturação dos mais recentes manuais do ensino secundário, permite-nos concluir que a compreensão da estética dos cancioneros barrocos aí dimanada se alicerça na dependência de uma perspetiva axiológica acerca do Classicismo, designadamente a leitura arcádica do mesmo, presente em textos críticos da primeira metade do século XX.

Com efeito, a emissão de juízos de valor nos comentários à poesia dita de influência gongórica veicula uma afirmação dos traços do equilíbrio das formas, da moderação e elegância na expressão escrita, bem como da profundidade e universalismo de uma reflexão, mais ou menos moralizante, sobre os grandes temas do humano. A posse destas características determina o grau de maioridade assinalado aos autores inseridos no âmbito cronológico de Seiscentos.

Na atualidade, outras razões poderão esclarecer a progressiva redução da presença da lírica do Barroco nos manuais escolares, assim como uma cada vez menor relevância no âmbito mais geral do cânone. Leia-se, a propósito, o ensaio de Gustavo Rubim, cujo título é sugestivo do que pretendemos afirmar: “O triunfo do contemporâneo e a consolidação nacional” (2011).

Importa referir também circunstâncias de natureza material que traduzem impedimentos no plano da divulgação dos textos. Enquanto Camões, Lobo e Melo têm nas edições *princeps* das suas obras um espelho da sua grandeza, constituindo estas um motor de dignificação do nome, as produções dos poetas da *Fénix Renascida*, como as de tantos outros, continuam dispersas, impressas em folhas-volantes ou guardadas em miscelâneas de composições de âmbito académico. Só recentemente essas composições começaram a ser reunidas sob a alçada exclusiva do nome do autor.

As reflexões de Aguiar e Silva, em “Portugal, País de Poetas. Revisitação da poesia dos séculos XVII, XVIII e XIX”, ensaio em que alude à poesia posterior a Camões como suposta “viúva do Indostão” (2010b: 277-279), caminham de par com a imputação de uma menoridade aos poetas que sucedem o autor d’*Os Lusíadas*. Faltando ao barroco português a complexidade de um Góngora e de um Quevedo (como refere o autor), Camões constitui a medida pela qual se estima o valor da poesia portuguesa, pelo menos até às décadas finais do século XIX. Não será pois por acaso que, em sintonia com esta visão, as balizas temporais daquele que foi considerado por Antero de Quental (1871: 15-16) o momento de decadência da poesia portuguesa têm Camões como insígnia: 1580, a morte do poeta – 1826, o seu renascimento, ou o renascimento da poesia portuguesa, em *Camões* de Garrett.

Aparentemente, a lírica seiscentista carece de vultos. E os “poetastros” do período joanino subsumem-se em face da imagem de um século XVIII centrado na produção arcádica e pré-romântica.

É possível entrever, na correspondência que Aguiar e Silva estabelece entre Camões e Antero, sob o tópico “Enfim, Antero veio”, uma isotopia que traduz uma tendência definidora do cânone da literatura portuguesa.

O estudioso afirma que o Antero dos *Sonetos* é, “após o fulgor ímpar e trágico de Camões”, “o primeiro genial poeta que nasce no céu da poesia portuguesa” (Silva, 2010b: 291). Nas razões que explicam a sua genialidade se delinea uma visão acerca da finalidade da poesia: “Nos sonetos anteriores, a língua é canto, é música, é harmonia e ritmo de perfeita elegância clássica e a palavra é indagação, busca e epifania de sentidos obscuros do ser, de mistérios, assombrações e enigmas” (*ibidem*: 292). A elegância clássica e o sentido de indagação existencial em Antero acordam-se, ademais, com a “grande, meditativa e profunda poesia do Romantismo europeu, que não cabia no lirismo outonal de Garrett e que totalmente transcendia as *mimosas* vozes dos bardos ultra-românticos” (*ibidem*).

Com este paralelo entre Camões e Antero, que encontra reverberação no novo programa de Português do Ensino Secundário, sendo que neste não figura qualquer poeta no espaço temporal que medeia entre ambos, pretendemos pois frisar uma preferência da instituição do cânone da literatura portuguesa (e quiçá do chamado “cânone ocidental”, em termos latos) pela *gravitas* meditativa e profundidade psicológica que informa a poesia destes autores. As matrizes que configuram esta visão estão presentes em ambos, e persistem noutros nomes consagrados. Silva coloca-a sob o signo de Saturno e da melancolia do génio:

após cerca de três séculos de uma poesia dominada amiúde por uma musa fútil [...] Saturno vinha de novo fecundar, com a sua melancolia e o seu funesto brilho, a poesia portuguesa. Sob o seu signo, com Antero,

Cesário, Nobre e Gomes Leal, inicia-se a nossa verdadeira modernidade poética (*ibidem*: 292).

Esta leitura parece pois ecoar os ideais estéticos do Romantismo, a que subjaz uma interpretação do classicismo humanista – no contexto português – sob a égide do seu astro mais brilhante: Camões. Só o tempo dirá se o cânone da poesia portuguesa, e o cânone escolar, poderão distanciar-se dessa tradição em que o gênio se confirma na capacidade de emanar uma profunda e meditativa reflexão, frequentemente de tom melancólico, sobre a existência.

REFERÊNCIAS

- Governo de Portugal, Ministério da Educação e Ciência, *Programa e Metas Curriculares de Português – Ensino Secundário* (Helena C. Buescu, Luís C. Maia, Maria Graciete Silva, Maria Regina Rocha), Janeiro de 2014. Consultado em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf, 10/02/2016.
- Programas do Ensino Liceal, aprovados pelo Decreto n.º 39807* (1962). Publicado no “Diário do Governo” n.º 198, 1.ª série, de 7 de Setembro de 1954. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- AULETE, F. Julio Caldas (1905). *Selecta nacional – Curso pratico de litteratura portugueza, 3.ª parte: Poesia*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Editora.
- CUNHA, Carlos (2002). *A construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- CUNHA, Carlos (2002/2005). “O nacionalismo do cânone literário português em contexto escolar: entre o ético e o estético”, in *Ave Azul. Revista de arte e crítica de Viseu (série Verão 2002/2005)*.

- FERREIRA, Maria Ema Tarracha (1973). *Textos Literários Séculos XVII e XVIII, Selecta organizada de acordo com o Programa Oficial do VII Ano dos Liceus*, 2.^a edição. Lisboa: Editorial Aster.
- GARRETT, Almeida (1826). “Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portuguesa”, in *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos Auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*, t. I. Paris: J. P. Aillaud.
- GUERRA, João Augusto da Fonseca, VIEIRA, José Augusto da Silva (1998). *Aula Viva – Português A, 11.º ano, Guia do Professor*. Porto: Porto Editora.
- GUERRA, João Augusto da Fonseca, VIEIRA, José Augusto da Silva (2010). *Aula Viva, Literatura Portuguesa 10.º ano*. Fernando Pinto do Amaral (rev. científica). Porto: Porto Editora.
- MELLO, Joaquim Lopes Carreira de (1862). *Lições portuguezas de litteratura e de moral ou Selecta portugueza, Tomo II (verso), Obra Classica para uso das escholae*. Lisboa: Typographia Universal.
- MOREIRA, Vasco, PIMENTA (1998). Hilário, *Dimensão Literária, 11.º ano, Português A*. Porto: Porto Editora.
- QUENTAL, Antero de (1871). *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos, Discurso pronunciado na noite de 27 de Maio, na sala do Casino Lisbonense*. Porto: Tipografia Comercial.
- RUBIM, Gustavo (2011). “O triunfo do contemporâneo e a consolidação nacional”, in *Revista de Estudos Literários, n.º 1 – Os Estudos Literários em Portugal no Século XXI*. Coordenação de António Apolinário Lourenço e Osvaldo Manuel Silvestre. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, pp. 133-176.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2010a). “Variações sobre o cânone literário”, in *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, pp. 243-247.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2010b). “Portugal, país de poetas? Revisitação da poesia dos séculos XVII, XVIII e XIX”, in *As Humanidades*,

os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina, pp. 272-292.

RESUMO

O presente texto tem como intuito geral mapear a presença da poesia do período barroco nos manuais e seletas escolares desde meados do século XIX até à atualidade. Para tal, centramo-nos na análise dos excertos críticos e comentários numa antologia em que as composições dos cancioneiros barrocos assumem destaque: *Textos Literários – Séculos XVII e XVIII*, da autoria de Maria Ema Tarracha Ferreira. Tendo sido publicada pela primeira vez em 1967, esta obra conheceu várias edições ao longo da década de 70 do século XX e constitui a fonte de onde se extraiu o pequeno conjunto de poemas no manual *Aula Viva* de Literatura Portuguesa (10.º ano), de 2010. Procurando compreender em que medida o cânone escolar reflete a evolução das perspetivas da história e da crítica literária, este estudo levar-nos-á em última instância a indagar sobre uma conceção definidora do cânone da literatura portuguesa.

Palavras-chave: poesia barroca; antologias escolares; cânone; literatura portuguesa.

ABSTRACT

Broadly speaking, we intend to map the presence of the baroque poetry in the school handbooks and anthologies from the second half of the nineteenth-century until nowadays. For this, we focus in the analysis of the critical excerpts and commentaries in an anthology in which the compositions of the baroque period stand out: *Textos Literários – Séculos XVII e XVIII*, by Maria Ema Tarracha Ferreira. It has been published for the first time in 1967, and its selection of poems was the source for one of the latest handbooks in the Portuguese Literature school curriculum (*Aula Viva*, 2010). Aiming at understanding to what extent the school canon reflects

the evolution of the literary history and criticism, this study will ultimately lead us to inquire about a definition of the Portuguese literature canon.

Key-words: baroque poetry; textbooks; canon; Portuguese literature.